RUDOLFO LAGO

Jornalista e comentarista de política

O incrível exército de André Janones

A teimosia do octogenário Luiz Inácio Lula da Silva (PT) em não perceber que a forma de se fazer campanha mudou quase lhe custou a eleição.

Foi preciso a sacudida do primeiro turno, quando terminou atrás de seu principal adversário, Flávio Bolsonaro (PL), para Lula enfim admitir que a mobilização hoje se faz pelas redes sociais. Felizmente para ele, Lula encontrou ao seu lado o deputado André Janones (Rede-MG).

Pode-se até discutir os métodos de Janones, só não se pode negar que ele sabe muito bem como funcionam as redes sociais e conhece os segredos dos seus algorítimos. O crescimento de Lula no mundo digital foi o capítulo inicial do seu crescimento final nas urnas no segundo turno.

Muito provavelmente, o que Janones produziu no segundo turno não será algo episódico, que se desfaz terminada a eleição. Há uma grande possibilidade de a esquerda agora rivalizar pelo menos com a direita no domínio que o grupo até então tinha no mundo digital.

Um estudo do DSC Lab com relação à sessão na qual o Supremo Tribunal Federal (STF) discutiu a proibição das apostas bets parece um sinal de que, sim, o Exército do Lula (ou, na prática, de Janones) veio para ficar.

Depois do momento de comemoração da vitória nas eleições, o relatório coordenado por Tiago Falqueiro mostra que houve uma queda nas interações. Natural, o propósito do canal tinha sido alcançado. Mas, então, Janones resolveu comunicar aos inscritos que eles tinham "uma outra missão": derrubar a possibilidade de o STF retomar as bets a partir da pressão que, principalmente, faziam os clubes de futebol.

No dia 3 de novembro, o canal enviou 32 mensagens pedindo que seus integrantes acompanhassem a audiência no STF, assinassem um abaixo-assinado contra o retorno das bets e subissem hashtags relacionadas ao tema. A pauta circulou 1,9 vezes mais que o esperado para o período. Resultado ou não dessa pressão, o ministro Luiz Fux, relator do caso, suspendeu todas as ações sobre apostas bets até o julgamento final da questão pela Corte.

Num exemplo, às 9h01 do dia da audiência, o canal postou um vídeo de Lula sobre as bets e perguntou aos integrantes se eles estavam com "saudades de uma missão". Foram 172,2 mil reações e 44 mil encaminhamentos. Às 16h27, a hashtag "#comlulanãotembets" subiu ao topo das postagens no X.

"O Exército do Lula segue funcionando como canal de comunicação, engajamento e pressão fora do calendário eleitoral", conclui Tiago Falqueiro. "A audiência responde no nível da campanha, e a mobilização contra as bets mostrou que um tema relevante para esse público devolve ao canal circulação que o fim da eleição tinha cortado", continua. "O desafio agora é a constância: o canal passou quatro dias sem mensagens e o painel marcou 130 mil inscritos a menos, e o levantamento indica que ele circula quando tem uma pauta assim", conclui.

Algo mudou no mundo digital...

FERNANDO MOLICA

Jornalista e diretor-geral da revista Viver Brasil

Fim do inquérito é para ser começo

Decidido pelo presidente do Supremo Tribunal Federal, Edson Fachin, o fim do aparentemente interminável inquérito das fake news precisa ser o início de uma mudança radical em uma corte que se revelou frágil ao precisar de tantas blindagens.

Aberto de maneira inusitada em março de 2019, o inquérito vinha servindo com uma espécie de escudo e porrete para o STF e, em particular, para Alexandre de Moraes. Era brandido pelo ministro diante do que ele avaliasse ser uma ameaça ao tribunal ou à sua pessoa.

Não que as investigações tenham sido inúteis, delas nasceram 1.600 ações penais, inclusive contra responsáveis pela tentativa de golpe de Estado em 8 de janeiro de 2023. Mas não dá para manter uma espécie de inquérito prêt-à-porter, um cão de guarda sempre alerta e pronto para morder quem chegasse perto de seus domínios.

Mas os problemas do STF vão muito além do tal inquérito. A sucessão de questionáveis e, mesmo, abusivas decisões tomadas por ministros da corte e do Tribunal Superior Eleitoral durante as eleições mostra que a partidarização contaminou algumas das mais altas instâncias do Judiciário.

É razoável e até desejável que tribunais tenham integrantes progressistas e conservadores, ministros que, de alguma forma, representem linhas de pensamento presentes na sociedade. Mas, depois da Lava Jato, uma politização mais ampla e genérica foi transformada em partidarização.

Depois das pedaladas processuais de Sérgio Moro e de Deltan Dallagnol, da transformação de provas em detalhes, a principal qualidade de um candidato a ministro de tribunal superior passou a ser o compromisso de não mandar seu padrinho para a cadeia: Jair Bolsonaro e Lula, este, em seu terceiro mandato, trataram de exigir isso de seus indicados.

A partidarização chegou ao ponto de atrapalhar investigações óbvias e necessárias, como as que precisam esclarecer suspeitas relacionadas, principalmente, aos ministros Moraes, Kassio Nunes Marques, Dias Toffoli e André Mendonça.

Não dá para aplicar no STF o mesmo critério volta e meia usado pelo Conselho de Ética da Câmara dos Deputados para livrar a cara de deputados de direita e esquerda, processos em que uma mão suja a outra. Ministros suspeitos de praticarem tenebrosas transações não podem ser encarregados de julgar cidadãos acusados de corrupção.

O que está em jogo vai muito além da condenação desses ou daqueles ministros, mas a própria credibilidade do STF. A Justiça precisa ser um elemento de pacificação, até por seu poder de definir destinos de pessoas, empresas e instituições, não pode ser maculada por desconfianças de que atua para, principalmente, garantir seus próprios interesses.

EDITORIAL

No Alzheimer, a memória se perde. A dignidade, não

O caso do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, aos 95 anos, traz à sociedade brasileira uma reflexão que vai muito além da política: estamos preparados para cuidar, com respeito, responsabilidade e dignidade, das pessoas que vivem com Alzheimer?

A doença de Alzheimer não escolhe classe social, profissão, prestígio ou trajetória. Ela compromete progressivamente a memória, a capacidade de raciocínio e a autonomia, impondo desafios não apenas ao paciente, mas também à família e a todos que participam de sua rotina. Quando atinge alguém que já ocupou o mais alto cargo da República, o assunto ganha visibilidade. Mas é fundamental compreender que milhares de brasileiros enfrentam diariamente essa mesma realidade, longe dos holofotes e, muitas vezes, sem acesso à assistência necessária.

O principal alerta que esse caso nos deixa é que o Alzheimer exige muito mais do que cuidados improvisados ou soluções domésticas. Exige acompanhamento médico especializado, ambiente seguro, tratamento individualizado, apoio psicológico e uma rede de cuidadores preparada. Exige, sobretudo, compreensão.

É preciso lembrar que o diagnóstico não apaga a história de uma pessoa, sua identidade, seus sentimentos ou sua dignidade. Mesmo quando as palavras falham, quando as lembranças desaparecem e a comunicação se torna difícil, permanece um ser humano que merece respeito, afeto e proteção. A pessoa com Alzheimer não pode ser reduzida à doença que enfrenta.

Também é necessário reconhecer o peso que recai sobre os familiares. Cuidar de alguém com demência é uma tarefa contínua, emocionalmente desgastante e, muitas vezes, financeiramente difícil. Por isso, políticas públicas, orientação profissional e suporte às famílias não são privilégios: são necessidades sociais.

O episódio envolvendo FHC deve servir de alerta e oportunidade de conscientização. Não para alimentar especulações sobre sua intimidade, mas para ampliar o debate sobre uma questão que pode alcançar qualquer família.

Uma sociedade verdadeiramente civilizada não se mede apenas pela maneira como trata seus cidadãos enquanto são produtivos, lúcidos e independentes. Mede-se, sobretudo, pela forma como acolhe aqueles que mais precisam de proteção.

No Alzheimer, a memória pode se perder. A dignidade, jamais.

OPINIÃO DO LEITOR

Homenagem especial!

Em 19 anos de carreira na Fórmula 1, Rubinho Barrichello foi vice-campeão mundial em 2002 e 2004 além de conquistar 11 vitórias, 14 poles positions e 68 pódios na modalidade em 323 provas. Ele tem gasolina no sangue e competitivo em vários tipos de pistas. Grande talento.

José Ribamar Pinheiro Filho, Brasília - Distrito Federal

Contribuições por e-mail: marceloperillier@correiodamanha.net.br

Correio da Manhã FUNDADO EM 15 DE JUNHO DE 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) ¦ **Paulo Bittencourt** (1929-1963) ¦ **Niomar Moniz Sodré Bittencourt** (1963-1969)

www.cm.com.br

Publisher
CLÁUDIO MAGNAVITA
redacao@correiodamanha.com.br

REDAÇÃO
Affonso Nunes (editor #cm 2) Gabriela Gallo, Ive Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

EDITORIA DE ARTE
Coordenação: José Adilson Nunes (projeto gráfico); Diagramação: Anderson Sá, Ricardo Gomes (projeto gráfico) e Thiago Ladeira - Marcos Lima (Gestor de TI)

TELEFONES
(21) 2042 2955 **Whatsapp:** (21) 97948-0452 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

RIO DE JANEIRO
Av. João Cabral de Mello Neto
850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ
CEP 22775-057

BRASÍLIA
ST SIBS Quadra 2 conjunto B
Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF
CEP 71736-202

SÃO PAULO
Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317,
Água Branca - São Paulo-SP, - CEP 05001-200
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51,
Centro - Campinas-SP, CEP 13026-510

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal